Anais do
3º ENCONTRO INTERNACIONAL
HISTÓRIA & PARCERIAS
ANPUH RJ
ISBN 978-65-88404-04-1

OS COMUNISTAS E O VARGUISMO: A POSIÇÃO DO PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL (P.C.B.) PERANTE A DITADURA DE GETÚLIO VARGAS (1930-1945)[1]

Erick Fishuk
IFCH/Unicamp
erickfishuk@bk.ru

A vida política do Brasil em termos ideológicos, partidários e institucionais não pode ser analisada com os mesmos critérios, padrões e conceitos dedicados ao mesmo tema no espaço europeu ocidental, do qual o país tira parte de suas origens e no qual as elites tropicais sempre se espelharam culturalmente. Embora a colonização e a independência brasileiras consistissem em grande medida na tentativa incessante de imitar e transplantar as instituições da Europa desenvolvida em um ambiente com amplas dessemelhanças históricas e demográficas, os "produtos da terra" sempre resultaram em híbridos originais, que do modelo almejado só levavam praticamente o nome. Longe de advogar por uma particularidade irredutível do desenvolvimento da antiga América portuguesa, é preciso guardar em mente, contudo, que a inserção econômica na produção global, de caráter dependente, como exportadora de matérias-primas e matriz agrária pouco industrializada condicionou fortemente sua formação política. Dessa forma, ela não podia pura e simplesmente provocar o nascimento e expansão de um Estado nacional forte, uma sociedade civil coesa, um proletariado organizado e, mais tarde, de um parlamentarismo impessoal e um sufrágio universal sem coerções.

Isso não quer dizer que, em grande medida, o Brasil se mantivesse alheio às principais correntes de pensamento em voga durante o século XIX e a primeira metade do século XX em países como Inglaterra, França e Portugal, bem como EUA, Espanha e Itália. Os laços intelectuais, migratórios, comerciais, educacionais e culturais jamais se romperam, e a informação recebida, obviamente, era processada de acordo com as vicissitudes e interesses daqueles que professavam uma crença, através de mediações conscientes e/ou inconscientes. Invariavelmente o componente afetivo de tal profissão

[1] Este texto faz parte das atividades de uma pesquisa de doutorado financiada pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

ISBN 978-65-88404-04-1

predominava sobre o componente racional, de modo que as poucas traduções existentes de livros e outros materiais e a distância geográfica truncavam consideravelmente a compreensão global de determinado assunto, sobretudo entre as pouco escolarizadas classes populares, e deixavam a identificação pessoal com situações concretas ou supostas origens étnico-nacionais fazer o resto. Foi assim que o positivismo e os autores socialistas com maior ou menor influência de Karl Marx e Friedrich Engels foram chegando paulatinamente no Brasil durante a transição do Império para a República, e foi assim que a efervescência revolucionária no Império Russo tsarista dava-se a conhecer por meio da grande mídia rotulada de "burguesa" pelo movimento operário, mídia essa oscilando entre a fascinação pelo desmoronamento de um regime de evidente cariz feudal e o repúdio pela "subversão anarquista" à frente do povo em armas.

A chegada e recepção de ideias não é condicionada apenas pela estrutura socioeconômica subjacente e mais profunda, mas também pela situação conjuntural, pelas crises cíclicas do capitalismo liberal, pelos picos de agudização da fome e do desamparo e pelas quebras na circulação de valores devido a guerras, catástrofes ou desavenças geopolíticas. E o Brasil nunca esteve em posição muito favorável na virada do século quanto à capacidade de resistir às crises mundiais, pois além de viver essencialmente da plantação e exportação de café, dando pouco espaço à variação de culturas, a indústria financiada com os primeiros excedentes das grandes fazendas continuou irrelevante e regionalmente concentrada até a década de 1930. Se, de alguma forma, os problemas eram muito parecidos, e vividos em nível bem mais grave, aos dos outros países do chamado "Ocidente", igualmente as formas de protestar e de demonstrar insatisfação assemelhavam-se, revelando, no fundo, os traços estruturais copiados com todas as adaptações imagináveis. Assim, sindicalistas, socialistas e anarquistas, muitos deles vindos da Europa Meridional com as ondas imigratórias entre os séculos XIX e XX, ocupavam uma posição proeminente no movimento operário, antes que comunistas, integralistas e trotskistas viessem somar-se a eles, em organizações partidárias mais ou menos fluidas, com programas ideológicos mais ou menos consistentes e ecléticos.

ISBN 978-65-88404-04-1

Contudo, por diversas razões, é impossível entender a vida política brasileira das décadas de 1920 e 1930 sem considerar o papel de influência do Exército, em especial dos oficiais menos graduados, sobre os governantes civis e na mentalidade da população. Esses oficiais, chamados genericamente de "tenentes", não se haviam desligado completamente dos sofrimentos do povo pobre, pois eles mesmos vinham de famílias muito humildes, grande parte delas das regiões mais pobres do Brasil, e afluíam às escolas militares do Rio de Janeiro e do Rio Grande do Sul a fim de obter educação gratuita de qualidade e, por menor que fosse, um salário garantido. A procura da carreira militar como um meio de promoção social e de fuga da miséria levava a que fossem constantes os movimentos por melhores condições de trabalho e salários maiores, rapidamente tomando caráter político mais abrangente e, de uma forma ou de outra, incorporando-se às demandas gerais por uma vida mais digna. A própria República havia sido proclamada na sequência de uma agitação militar, e eram frequentes os casos em que oficiais sentiam-se desvalorizados e marginalizados pelos bacharéis presidentes, uma suposta afronta à sua primazia pela instalação do novo regime, e ameaçavam desencadear golpes "regeneradores" contra a corrupção e as desigualdades. Tais golpes de força ou ameaças armadas eram uma constante na história de Portugal, Espanha e antigas colônias ibero-americanas, e de fato a chamada "república do café-com-leite" esteve seriamente ameaçada com as quarteladas de 1922 no Rio de Janeiro e de 1924 em São Paulo, tão duramente reprimidas quanto obstinada foi a resistência do "tenentismo" em reverter a correlação de forças contra as oligarquias agroexportadoras.

A tomada do poder pelas forças rebeldes comandadas pelo gaúcho Getúlio Vargas, derrotado nas eleições presidenciais de 1930 por Júlio Prestes, presidente do estado de São Paulo, agregou a maioria dos "tenentes" rebelados e os civis descontentes, alguns sendo inimigos da Primeira República, outros encontrando uma oportunidade de ascensão política. Era grande a expectativa de mudanças e de saneamento cívico-moral, o que rendeu amplo apoio popular a mais este golpe, e diante da crise econômica provocada pela quebra da Bolsa de Nova York em 1929 e pela consequente derrubada do preço mundial do café, elaboraram-se projetos inovadores de industrialização subsidiada pelo

ISBN 978-65-88404-04-1

Estado e centrada em torno da estrutura militar. Todavia, os rumos tomados pela "Revolução de 30" estiveram longe de obedecer a um plano pré-determinado, sofreram várias reorientações ao longo dos anos e foram objeto de ásperas disputas entre os grupos que dominavam o regime. Vargas frequentemente dissimulava seus objetivos e rapidamente trocava de aliados, fazendo seus amigos aqueles a quem pouco antes combatia ferozmente e vice-versa, de modo que a dissolução gradual do movimento "tenentista" e a acomodação com as antigas elites locais provocaram uma crescente onda de insatisfação contra o (até 1934) Governo Provisório, que teve entre seus momentos altos a insurreição paulista de 1932 e a luta pela reconstitucionalização do país. De crescente caráter autoritário, o governo atravessou o movimento da Aliança Nacional Libertadora (ANL), as insurreições militares em 1935 e a campanha pela sucessão presidencial nas eleições previstas para 1938, até chegar ao autogolpe dito do "Estado Novo" em 1937. Com a fidelidade das Forças Armadas assegurada, a autonomia dos estados tolhida, os partidos políticos extintos e a oposição amordaçada, sobretudo a socialista e comunista, Vargas seguiu em seu projeto nacionalista de industrialização, reestruturação administrativa e burocratização sindical-trabalhista, conseguindo tirar partido da rivalidade entre as democracias ocidentais e o Eixo Berlim-Roma-Tóquio até o proveitoso alinhamento final com os EUA perto do fim da 2.ª Guerra Mundial.

O Partido Comunista-Seção Brasileira da Internacional Comunista (PC-SBIC), mais tarde renomeado Partido Comunista do Brasil (PCB),[2] foi fundado em 1922 na cidade fluminense de Niterói, após a unificação de diversos grupos pró-bolchevistas surgidos em diversos pontos do país e a conversão de alguns anarquistas e sindicalistas ao novo regime de Lenin na Rússia. A fundação deu-se de forma acelerada com o objetivo de enviar a tempo um delegado a Moscou para pedir o ingresso na Internacional Comunista (Comintern) durante o IV Congresso dessa organização, que ocorreria de 5 de novembro a 5 de dezembro daquele ano. Devido a desencontros e desavenças ideológicas

[2] Em 1961, visando ao registro jurídico legal, o PCB mudou seu nome para Partido Comunista "Brasileiro", mas sem mudar a sigla. Discordando dessa mudança, como parte de uma insatisfação mais geral, um grupo de dissidentes que afirmava estar "reestruturando" o antigo partido "extinto" por Luiz Carlos Prestes retomou em 1962 o antigo nome "Partido Comunista do Brasil", mas com a sigla PC do B.

ISBN 978-65-88404-04-1

entre o delegado brasileiro e a liderança bolchevique, envolvendo diretamente Leon Trotsky (SALLES, 2006), o PCB foi aceito apenas como membro simpatizante, até que o líder comunista argentino Rodolfo Ghioldi intercedesse diretamente junto à direção da Comintern para obter a admissão plena, em 1924.[3] Ao contrário do que a narrativa política predominante nos meios liberais prega, o PCB constituiu um dos muitos casos nos países pobres em que os próprios comunistas procuraram ativamente o aval, a proteção e os ensinamentos da URSS, sem ter havido um trabalho prévio de preparação do terreno, ou havendo pelo menos de forma muito incipiente e esporádica (ROSE, 2001). Afora o fato de que Abílio de Nequete, primeiro secretário-geral e um dos fundadores do PCB, de origem libanesa e residente em Porto Alegre, mantinha intensos contatos com os comunistas argentinos e uruguaios, há várias histórias envoltas em lendas sobre o envio, ainda no fim da década de 1910, de agentes isolados da Comintern para o Brasil. As representações que os líderes operários brasileiros fizeram para si da Revolução de Outubro, com inúmeras mediações da literatura, dos grandes jornais e de sua bagagem cultural, foram determinantes nessa busca por imitar o novo grande modelo. Pouquíssimos trabalhadores sabiam ler línguas estrangeiras, ainda mais o alemão de Marx e o russo de Lenin, e foi em 1923 que Octavio Brandão realizou a primeira tradução local do *Manifesto do Partido Comunista*, a partir da versão francesa de Laura Lafargue. E contrariando outro mito também corrente, o PCB realizou as primeiras análises teóricas sobre a realidade do Brasil, baseadas no que então chamavam de "marxismo-leninismo", com uma relativa liberdade perante as diretivas da Comintern. Ao longo da década de 1920, os contatos entre a Rússia e a América do Sul eram bastante precários, e podia haver um grande atraso entre a emissão de ordens e o início de sua aplicação. Além disso, até 1928, a Internacional ainda não via a América Latina como campo prioritário de sua ação, ainda focada na Europa e nos EUA.

Observando-se sumariamente os principais textos que o PCB publicou em sua imprensa desde a fundação até o início da década de 1930, fica perceptível que a

[3] Até que os Partidos Comunistas latino-americanos desfrutassem, a partir de 1925, de uma estrutura auxiliar própria dentro da Comintern, o PC da Argentina era o responsável pela ligação do movimento no subcontinente com as autoridades em Moscou.

ISBN 978-65-88404-04-1

linguagem e os conceitos foram gradualmente se adaptando ao padrão imposto pela Comintern e visto nos documentos de outros Partidos Comunistas, com uma virada definitiva em 1931 e 1932. A produção inicial não foge muito ao padrão socialista, anarquista e operário predominante desde o fim do século 19, com linguagem um tanto floreada, alguns requintes literários e apelos humanistas, moralizantes e solidários. Com a transformação que levou ao domínio absoluto de Iosif Stalin sobre a URSS e, consequentemente, sobre a Comintern, a partir de 1929, mesmo ano em que a instituição passou a demonstrar uma preocupação considerável com a América Latina, não somente a fraseologia e a divisão temática, mas também as próprias preocupações gerais quanto à geopolítica e ao futuro do regime bolchevique são transplantadas para a documentação oficial. A primeira tentativa de decalcar a cronologia histórica russa para dentro do Brasil foi com o pequeno livro *Agrarismo versus industrialismo* (1924), do alagoano Octávio Brandão, considerado a primeira análise "marxista-leninista" da realidade brasileira, adjetivo composto que o texto é um dos primeiros no mundo a usar, embora alguns considerem extremamente primário o uso nele feito dos conceitos leninianos (MORAES FILHO, 2003, p. 13-58). Nos anos seguintes, não faltariam referências à história do comunismo para descrever o país sul-americano: o "terror branco" (repressão policial e patronal), a "Longa Marcha" (a Coluna Prestes), o "Chiang Kai-shek brasileiro" (Luiz Carlos Prestes) – no início da década de 1930, antes de sua filiação ao PCB ser imposta de Moscou –, a "primeira e segunda revoltas" (os levantes militares de 1922 e 1924), os "feudais/feudalismo" (os latifundiários e a produção de latifúndio) e outros.

Em meados da década de 1920, as categorias analíticas e os inimigos apontados não soariam estranhos a nenhum movimento da esquerda radical moderna: o apoio à URSS (sem expressões apontando incondicionalidade), o imperialismo anglo-americano, a grande burguesia e seus "auxiliares" fascistas e socialistas/reformistas, o afastamento dos camponeses das visões "obscurantistas" e "reacionárias" e a pequena burguesia como uma aliada que o PCB deveria conduzir, e não seguir. Inclusive, a contraposição entre "capitalismo agrário" e "capitalismo industrial" está diretamente ligada à análise de Brandão em 1924, opondo os "agraristas" (latifúndio cafeeiro agroexportador, sobretudo)

ISBN 978-65-88404-04-1

apoiados pelo Império Britânico e os "industrialistas" secundados pelos EUA (O II CONGRESSO do P.C.B., 1946, *apud* CARONE, 1982, p. 38-40). Outra contribuição teórica de Brandão que aparece em *Agrarismo versus industrialismo* e em outros textos da época está no peculiar caráter "democrático pequeno-burguês" atribuído à revolução brasileira, nitidamente inspirado no conceito leniniano de "revolução democrático-burguesa", em referência às reformas liberais e institucionais de caráter "burguês" de que a Rússia tsarista precisaria antes de chegar ao socialismo. No caso do Brasil, o comando dessas mudanças não estaria nas mãos da burguesia industrial, mas da pequena burguesia, essencialmente militares e profissionais liberais, que teriam se radicalizado com o agravamento das tensões econômicas e políticas da Primeira República e culminado nos movimentos de 1922 e 1924, ambos com amplo apoio popular, segundo os comunistas. Perto do fim da década, os textos partidários, muitos deles relatos dedicados à leitura do movimento internacional, preocupavam-se com a organização operária e as lutas trabalhistas, apontando os governos de Arthur Bernardes e de Washington Luís como perniciosos às liberdades individuais e desrespeitosos aos direitos garantidos pela Constituição de 1891 (PEREIRA, 1928, *apud* CARONE, 1982, p. 44-49).

A criação do Bloco Operário e Camponês (BOC) em 1927, legenda com que o PCB pretendia disputar eleições legislativas, representou um passo na direção da conquista dos parlamentos como tribunas para a defesa das ideias comunistas. Várias figuras simpáticas aos trabalhadores e consagradas no meio político, sem serem necessariamente comunistas, como Maurício de Lacerda, foram convidadas para integrar a frente ou chegaram a eleger-se, mas houve quem se recusasse logo de início, como os membros do Partido Socialista Brasileiro, ou que romperiam no exercício mesmo do mandato, como o deputado federal Azevedo Lima (PEREIRA, 1962, p. 87-92, *apud* CARONE, 1982, p. 64-68; LAVINSKY, 1928 *apud* CARONE, 1982, p. 68-70). Finalmente, a partir de 1929, quando a Comintern, por meio do Secretariado Sul-Americano (SSA/IC) sediado em Buenos Aires, começou a endurecer o controle e ampliar a atenção sobre a América Latina, a linguagem tornava-se cada vez mais afinada com a dos documentos soviéticos e o próprio BOC, que seria extinto em 1930, já despertava o

ISBN 978-65-88404-04-1

receio de um suposto "desvio oportunista e eleitoralista". Conforme as resoluções do III Congresso do PCB, ocorrido na passagem de 1928 a 1929, a situação política do Brasil estaria se radicalizando e caminhando para algo cada vez mais próximo de uma revolução. As análises econômicas ganham ainda mais espaço, desaparece o sentimentalismo dos textos socialistas antigos e emergem categorias como "país semicolonial", "vestígios semifeudais" e "disciplina partidária" (*apud* CARONE, 1982, p. 70-77).

A I Conferência dos Partidos Comunistas Latino-Americanos, organizada em junho de 1929 pelo SSA/IC em Buenos Aires, sob os auspícios de Moscou, representou a aplicação das análises e decisões do VI Congresso da Comintern (julho-setembro de 1928), às quais seriam mais tarde adicionadas as do X Pleno Ampliado do Comitê Executivo da Comintern (julho de 1929), uma espécie de "minicongresso", seguindo a prática da época, que retificou a rota no sentido de um maior radicalismo. Em conteúdo de revista militante dedicada à região, percebe-se como os enquadramentos dualistas ou bipolares, ressaibos de um regime soviético cada vez mais orientado pela lógica do "nós contra eles", aplicavam-se até mesmo ao Brasil, como a oposição automática entre "liberais" apoiados pelos EUA e "reacionários" sustentados pelo Império Britânico rumo às eleições presidenciais previstas para 1930. Os comunistas buscavam distinguir-se sempre mais de outras forças políticas, e começava-se a fazer alusão a áreas distintas da militância operária, como juventude, sindicatos e mulheres. O mais notável é que o balanço das ações passadas aparece como uma sucessão de erros e deficiências que servem de contraexemplo quanto às tarefas a serem realizadas no futuro, ocupando bem mais espaço do que declarações de boas intenções e projetos de sociedades futuras (*La Correspondencia Sudamericana*, n. 21, 20 nov. 1929, *apud* CARONE, 1982, p. 78-83). O combate ao "prestismo" também estava se materializando na rejeição de uma possível aliança com Luiz Carlos Prestes, já convertido ao comunismo em 1930 e ainda desfrutando de enorme atração popular. A crítica de sua figura juntava-se ao receio do comando pequeno-burguês da situação supostamente revolucionária e ao desligamento perante os políticos parlamentares, nos quais não mais se depositavam esperanças (*A Classe Operaria*, 8 jul. 1930, *apud* CARONE, 1982, p. 83-87).

ISBN 978-65-88404-04-1

No segundo semestre de 1930, o PCB ainda via com desconfiança as intervenções de Prestes sobre as crises econômica e política e não acreditava em outros militares rebelados que haviam participado da "Coluna Invicta" e de outros levantes armados e agora conspiravam contra o governo de Washington Luís. Em artigo oficioso (*Revista Comunista*, Buenos Aires, ano I, n. 1, set. 1930, *apud* CARONE, 1982, p. 87-96), critica-se a mera troca de nomes nos comandos nacionais e compara-se a situação do Brasil com a de países vizinhos em que abalos semelhantes estavam ocorrendo. Prestes, sua natimorta Liga de Ação Revolucionária e a Aliança Liberal são vistos como "agentes do imperialismo", nomeadamente do estadunidense, que não estaria disposto – e assim é mantido o peculiar vocabulário analítico – a mudar as estruturas "feudais" brasileiras: "Os conservadores compreenderam bem que o imperialismo ianque não pretende mudar a base feudal do país" (p. 89); "a Coluna Prestes [...] sustenta os feudais e está pronta a lutar contra todo verdadeiro movimento revolucionário de massas" (p. 90). Em fevereiro do mesmo ano, a conhecida "Resolução da Internacional Comunista sobre a questão brasileira" reconhecia o estado de desagregação que começava a ampliar-se no PCB com o aumento da repressão estatal, o distanciamento do operariado e do campesinato, a luta interna que levou o núcleo fundador a sair ou ser expulso do partido e o isolamento perante outras forças sociais, sobretudo os "tenentes", com potencial transformador. A teoria de Octávio Brandão sobre a "revolução democrática pequeno-burguesa" é finalmente condenada pela Comintern, que impõe sua visão sobre a etapa "democrático-burguesa" da revolução brasileira, cujas tarefas seriam "agrárias" e "anti-imperialistas" pela "instauração da República Operária e Camponesa sobre a base dos *Soviets*" (*A Classe Operaria*, 17 abr. 1930, grifo no original, *apud* CARONE, 1982, p. 96-102).

Antes de cair no ostracismo e de se exilar na URSS a partir de 1931, Brandão havia escrito um artigo de jornal com uma das primeiras alusões comunistas ao nome de Getúlio Vargas como possível candidato à sucessão presidencial. Ainda como intendente (vereador) eleito pelo BOC na cidade do Rio de Janeiro e externando as opiniões do PCB, Brandão afirmou que qualquer nome com ares de renovação, fosse Vargas, Júlio Prestes ou outros, teria de manter a mesma diretriz atribuída ao Partido Republicano Paulista: a

ISBN 978-65-88404-04-1

monocultura cafeeira na base da economia, os proprietários rurais na liderança política, a crescente dependência perante os EUA e a manutenção da população pobre na ignorância cultural (*Diário Carioca*, Rio de Janeiro, 30 jan. 1929, *apud* CARONE, 1982, p. 102-105). Antes de o BOC ser extinto, como consequência da política antirreformista que a Comintern impôs a seus partidos no virar da década, os comunistas valeram-se da legenda para, em uma última tentativa, lançar o marmorista Minervino de Oliveira candidato à presidência da República, após o fim das conversas com Prestes.[4] A disputa principal era vista como um embate entre o imperialismo britânico, na figura do candidato situacionista Júlio Prestes, e o imperialismo estadunidense, na pessoa de Getúlio Vargas e sua Aliança Liberal, sendo o voto no BOC o único considerado aceitável para os operários (*A Classe Operaria*, 15 fev. 1930, *apud* CARONE, 1982, p. 105-107). O ínfimo resultado conseguido por Oliveira e a perseguição policial ao PCB durante e depois da campanha aceleraram o isolamento político dos comunistas, que também se orientavam pela linha chamada "classe contra classe" na Comintern, segundo a qual a social-democracia seria apenas uma "ala esquerda" do fascismo, por não apoiar a revolução imediata, e deveria ter suas lideranças combatidas com a mesma energia do que a extrema-direita.

Em janeiro de 1931, um texto de caráter oficioso na revista da Internacional Sindical Vermelha (divisão da Comintern para o trabalho nos sindicatos) parecia confirmar os receios que o PCB possuía quanto a uma possível eleição de Vargas e à chamada "Revolução de 30", em que os aliados do ex-governador gaúcho finalmente tomaram o poder pelas armas por não concordarem com a forma como Júlio Prestes foi eleito. Além da velha luta que estaria ocorrendo entre EUA e Império Britânico em solo brasileiro, a revolução teria sido na verdade uma "contrarrevolução", uma reação à ascensão do movimento operário, pois teria aumentado a repressão e o cerceamento às

[4] Deve-se recordar que, após a internação da "Coluna Invicta" na Bolívia, a partir de 1927, Astrojildo Pereira encontrou-se várias vezes com Prestes na cidade de La Gaiba, trouxe-lhe literatura marxista e soviética traduzida em francês e espanhol e iniciou conversações para o atrair junto aos quadros do PCB. Disso resultou que Prestes anunciou publicamente em 1930 sua adesão ao comunismo, mas com a queda dos antigos dirigentes, as conversações cessaram e iniciou-se um combate ao "prestismo". Mesmo assim, sob os auspícios diretos da Comintern e do SSA/IC, Prestes mudou-se com a família em 1931 para Moscou, onde recebeu instrução e preparação adequadas.

ISBN 978-65-88404-04-1

organizações políticas. Sob o espectro das insurreições de 1922 e 1924, consideradas legítimas pelos comunistas, as elites governantes teriam "feito a revolução antes do povo" e lhe dado um caráter reacionário, em alusão direta à frase do ex-presidente de Minas Gerais, Antonio Carlos. A "Coluna Prestes" é novamente citada, pois vários de seus próceres terminaram apoiando o novo regime, ao contrário de seu líder, cujas posições o PCB elogia, mas a quem criticam por sua visão tecnicista da revolução, como se ela dependesse de mera questão de preparação lógica. O erro nas próprias eleições de 1930 teria sido o partido permanecer dependente da opinião de Prestes (em quem Pereira e Brandão, como mencionado acima, viam preeminência política) e não preparar as próprias ações diante dos acontecimentos daquele ano. Finalmente, não há qualquer consigna pela derrubada ou pela luta contra o ainda chamado "governo revolucionário de Getúlio Vargas", mas também não se fazem ilusões quanto a Prestes, acusado de querer tirar das massas a liderança da revolução e dá-la "por decreto" ao PCB (ORAN, 1931, *apud* CARONE, 1982, p. 111-119).

Com o passar do tempo, à desilusão completa quanto ao Governo Provisório somaram-se a consideração de Prestes como um simples auxiliar da Aliança Liberal, para onde haviam confluído abertamente todos os seus antigos companheiros, e a própria visão do "trotskismo" como uma ala das tendências mais fascistizantes da política brasileira, formada por dissidentes comunistas que começavam a seguir o ex-líder exilado da URSS (*Revista Comunista*, ano 1, n. 2-3, jan./fev. 1931, *apud* CARONE, 1982, p. 120-130). Os comunistas também não viam oportunidades na campanha pelo retorno à legalidade constitucional e na insurreição militar do estado de São Paulo batizada pelos aderentes de "revolução constitucionalista de 1932". Para eles, a situação estaria caminhando cada vez mais em direção a uma revolução proletária, e o PCB não estaria sabendo preparar-se para ela nem tomando medidas concretas de preparação das massas. Indicativa da progressiva assimilação da linguagem cominterniana é a constante alusão às condições e estruturas econômicas do Brasil, cuja análise inclui termos como "semifeudal", "semicolonial", "semiescravista" e até mesmo, em referência quase sempre política, "feudal-burguês" (*A Classe Operaria*, 19 jul. 1930, *apud* CARONE, 1982, p. 131-132; GONZÁLEZ

ISBN 978-65-88404-04-1

ALBERDI, 1933, *apud* CARONE, 1982, p. 132-143). Nos textos partidários oficiais, Vargas aparece como ditador pleno, mesmo sob o manto da eleição presidencial indireta "constitucional" de julho de 1934, enquanto estariam se consolidando a "reação" política e as consequentes supressões de direitos e liberdades dos trabalhadores. O Comitê Central expressou o desejo de participar das eleições legislativas federais, estaduais e municipais em outubro de 1934 com seu verdadeiro nome (*A Classe Operaria*, 23 ago. 1934, *apud* CARONE, 1982, sobretudo p. 143-148), mesmo em um momento em que, além de o partido estar ilegal desde 1927, a repressão às oposições e às esquerdas em geral, e aos comunistas em particular, recrudescia a níveis jamais vistos.

Após passar alguns anos na URSS sendo treinado e instruído pela Comintern, Luiz Carlos Prestes finalmente entrou no PCB em 1934, imposto pela cúpula internacional, que via em sua popularidade um capital extremamente valioso aos comunistas. Deve-se recordar a diferença entre a situação de dura clandestinidade e privações que a militância de base sofria no Brasil e a proteção e relativo conforto desfrutados por certas figuras no exílio soviético, como Octávio Brandão e o próprio Prestes, todas preparadas para liderar uma ocasional revolução futura na América do Sul. O ingresso do ex-comandante da "Coluna Invicta" não fazia unanimidade nem no PCB nem na Comintern, pois ele ainda era visto pelos mais radicais como um antigo líder "pequeno-burguês" de ideias vacilantes e cúmplice do regime. Porém, a instrumentalização de sua imagem carismática foi decisiva quando ele voltou para o Brasil no início de 1935 com outros militantes comunistas europeus, que haviam sido designados para prestar apoio técnico em uma possível futura revolução comunista, e foi designado presidente de honra da recém-fundada Aliança Nacional Libertadora (PRESTES, 2008 e 2015). Resultado do combate antifascista e antigoverno de amplos setores intelectuais e operários, a ANL formou a maior frente contra a ascensão do fascismo em geral e do integralismo em particular, ao encontro da política de "frentes populares" antifascistas da Comintern, gestada em 1934 e finalmente ratificada por todos os Partidos Comunistas em 1935. Poucos sabiam que Prestes havia retornado clandestinamente ao país, e suas cartas e discursos eram assinados de cidades estrangeiras. Mas a persistência de seu mito, em um momento de grave crise

ISBN 978-65-88404-04-1

econômica e política do regime iniciado com a "Revolução de 30", revela-se na esperança que as camadas insatisfeitas nutriam por resoluções heroicas dos problemas nacionais.

Embora o "mito Prestes" transcendesse os limites do comunismo, o PCB foi a principal força humana e organizativa por trás da ANL, o que atraiu sobre ela justamente a acusação de estar servindo de fachada legal a um partido clandestino. "Miranda" (codinome de Antônio Maciel Bonfim), secretário-geral do partido e totalmente alinhado à diretriz pró-Stalin imposta no início da década, escreveu em março de 1935 que já era hora de organizar "guerrilhas" combatendo "de armas na mão" Vargas e seus semelhantes e que o Exército e a Marinha confraternizariam com os insurretos, este talvez um cálculo superestimado do dirigente (1935, *apud* CARONE, 1982, p. 182-186). Por sua vez, a ANL evitava publicamente a linguagem radicalista inspirada em Moscou[5] e ao mesmo tempo adotava boa parte do estilo organizativo e do programa nacionalista e anti-imperialista do PCB, como se nota em documentos da época e na carta-manifesto de Prestes lida publicamente por Carlos Lacerda em 5 de julho de 1935 e usada pelo governo como pretexto para o fechamento da agremiação (*apud* CARONE, 1982, p. 181-182; PRESTES, 1935, *apud* CARONE, 1982, p. 172-181).

Após as insurreições militares de novembro daquele ano, a repressão recrudesceu-se ferozmente sobre toda a oposição e os comunistas louvaram a iniciativa do Exército contra o "governo reacionário" de Vargas, acusando-o de crescente proximidade com o fascismo e inclusive negando que tenha sido deles, e não da ANL como um todo, a responsabilidade pelos levantes (LACERDA, 1936, *apud* CARONE, 1982, p. 194-197).

[5] A contradição é apenas aparente entre a adoção de uma linguagem radical, fatalista e bélica e, a partir de 1935, o chamado por uma ampla e única "frente popular" de todas as forças políticas antifascistas de direita e de esquerda. Primeiramente, nem Stalin nem a Comintern, que ele desprezava, decretaram a anulação explícita da linha antirreformista anterior, apelidada "classe contra classe" (1928). Em segundo lugar, não havia uma correlação automática entre a política interna da URSS (repressão e expurgos crescentes) e a conduta comunista internacional (contemporização com a social-democracia), não raro submetida instrumentalmente à diplomacia. E finalmente, a tática frentista não excluía a preparação, mesmo que prolongada, para lutas armadas nem a instauração de formas de governo operário prévias ao comunismo e mesmo ao socialismo. Não por menos, a virada tática esteve longe de formar unanimidade na cúpula da Comintern, de forma que o prolongamento dos debates atrasou em um ano a abertura do VII Congresso Internacional (julho-agosto de 1935). A melhor obra recente sobre a Comintern e suas sucessivas linhas é *L'Internationale communiste (1919-1943): le Komintern ou le rêve déchu du parti mondial de la révolution* (2010), de Serge Wolikow.

ISBN 978-65-88404-04-1

O autogolpe na origem do Estado Novo em 1937 inaugurou a "ditadura fascista" aberta, segundo o PCB, cada vez mais submissa ao imperialismo estrangeiro, mas a tentativa de golpe por parte dos integralistas em 1938 e pressões internas (latifundiários e industriais) e externas (potências ocidentais) teriam freado esse processo de "fascistização". Comentando o golpe integralista para a revista *La Correspondance Internationale*, Octávio Brandão, de seu exílio na URSS, evita inclusive o termo "ditadura" e fala o tempo todo em "governo Vargas", parecendo pressupor que um perigo maior do que o próprio Estado Novo estaria rondando o Brasil (*apud* CARONE, 1982, p. 208-215). Porém, mais indicativas de uma virada comunista nas relações com o governo foram as cartas que Prestes, preso desde o início de 1936, começou a trocar com Severo Fournier, tenente do Exército que comandou o referido golpe integralista e também estava preso, cartas essas publicadas em 1947 na coletânea de discursos e artigos *Problemas atuais da democracia*. Prestes expressou a vontade de lutar por um programa nacionalista, democrático e social e de unir-se a todos que empunhassem essa bandeira, quaisquer que fossem seus partidos ou ideologias, inclusive Vargas, se este assim desejasse. Aventou até mesmo apoiar, nesse caso, o presidente, mesmo a despeito de rancores pessoais, como o provocado pela deportação forçada de sua companheira grávida, Olga Benario, para a Alemanha nazista (*apud* CARONE, 1982, p. 215-218).

Em 1940, a direção do PCB havia sido quase toda desmantelada, com prisões ou mortes, pela perseguição estatal, e na mesma época a URSS sofria os ataques verbais do Ocidente após haver concluído o tratado de não agressão com Adolf Hitler. Todas as seções da Comintern buscavam justificar a atitude de Stalin, mas na prática, com a Internacional esvaziada pelas repressões de massa, elas agiam com grande autonomia no combate ao fascismo, e assim foi também no Brasil. No início da década, as tentativas de reestruturar o aparelho partidário clandestino levaram também ao debate sobre que posição tomar diante de Getúlio Vargas, cujas vacilações e pendências para o lado estadunidense o PCB já estava percebendo. Finalmente, apesar do cerco, os documentos comunistas omitem as diretivas de derrubada do governo e introduzem a palavra de ordem de "União Nacional" pela democracia, pela entrada na guerra mundial ao lado dos Aliados

ISBN 978-65-88404-04-1

e pela anistia política, certamente sob a inspiração e prevalência moral de Prestes (*apud* CARONE, 1982, p. 218-227). Durante a secreta Conferência da Mantiqueira, em 1943, quando a reorganização finalmente tomou corpo, o debate levou à vitória da tática antifascista em torno do governo sobre o radicalismo anivarguista, conforme depoimentos dos participantes da época. Mesmo com o isolamento carcerário de Prestes, que não podia ler a documentação partidária e havia sido eleito secretário-geral *in absentia*, sua posição influenciou na passagem para o combate democrático e para o apoio à Constituinte, na qual o PCB participou após ter seu registro legalizado com a anistia de 1945 (CARONE, 1982, p. 227-241). Também em 1943, a Comintern foi extinta por decisão unilateral de seu Comitê Executivo, evacuado para o interior da Rússia durante a invasão nazista, de forma que a liberdade dada aos Partidos Comunistas integrou uma abertura em direção às potências capitalistas durante a guerra e simbolizou o máximo triunfo da URSS na opinião mundial após a derrota do Eixo nazifascista.

Como se buscou demonstrar neste texto, o Partido Comunista do Brasil, apesar de sua assumida ligação internacional desde meados da década de 1920, pautou sua atuação predominantemente pelo cenário interno, em cujas lutas sociais tentou inserir-se de todas as formas, desde os levantes militares até as mobilizações de massa. Após tentativas de diálogo com os militares "tenentistas" radicais no final do decênio, terminou enveredando pela ânsia insurrecional na sequência do triunfo de Stalin e permaneceu à margem do processo que levou ao fim da Primeira República. Na década de 1930, justificou sua recusa em apoiar Getúlio Vargas com uma análise dualista das lutas políticas brasileiras (Império Britânico *versus* Estados Unidos) impregnada do vocabulário da Internacional Comunista e sofreu as consequências da onda anticomunista e filofascista. Ignorando as ambiguidades de Moscou e da própria Comintern "stalinizada", incorporou em definitivo o combate ao fascismo em 1935 e, sempre nessa linha, manteve a oposição à ditadura e depois cerrou fileiras com o Catete contra Hitler e Mussolini, a despeito das tragédias policiais infligidas a Luiz Carlos Prestes. Com a vitória dos Aliados na 2.ª Guerra Mundial e a anistia política geral em 1945 (seguida da derrubada do próprio Vargas pelo Exército),

ISBN 978-65-88404-04-1

o PCB colheu os frutos de sua tática pró-democracia, sobreviveu ao fim do Estado Novo e tornou-se uma das forças decisivas no estabelecimento da Constituição de 1946.

Bibliografia

GONZÁLEZ ALBERDI, P. Brasil, campo de grandes lutas armadas. **La Correspondencia Internacional**, n. 3, p. 38; n. 4, p. 59-60; n. 5, p. 75, dez. 1933, *apud* CARONE, Edgard. **O P.C.B. (1922 a 1943).** São Paulo: Difel, 1982. v. 1, p. 132-143 (tradução).

LACERDA, Fernando. A última insurreição brasileira e as provocações do governo do Brasil. **La Correspondance Internationale**, n. 7, 1936, *apud* CARONE, Edgard. **O P.C.B. (1922 a 1943).** São Paulo: Difel, 1982. v. 1, p. 194-197.

LAVINSKY, P. Bloco Operário e Camponês. **A Esquerda**, Rio de Janeiro, 16 fev. 1928, *apud* CARONE, Edgard. **O P.C.B. (1922 a 1943).** São Paulo: Difel, 1982. v. 1, p. 68-70.

MIRANDA. Como os trabalhadores do Brasil resolverão a crise. **A Classe Operaria**, 11 mar. 1935, *apud* CARONE, Edgard. **O P.C.B. (1922 a 1943).** São Paulo: Difel, 1982. v. 1, p. 182-186.

MORAES FILHO, Evaristo de. A proto-história do marxismo no Brasil. *In*: MORAES, João Quartim de; REIS FILHO, Daniel Aarão (org.). **História do marxismo no Brasil.** 2. ed. rev. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2003. v. 1, p. 13-58.

ORAN. Les derniers évènements du Brésil et les perspectives des nouvelles luttes. **L'Internationale Syndicale Rouge**, jan. 1931, *apud* CARONE, Edgard. **O P.C.B. (1922 a 1943).** São Paulo: Difel, 1982. v. 1, p. 111-119 (tradução).

PEREIRA, Astrojildo. A situação política; Síntese da política atual; A situação atual do Partido. **La Correspondencia Sudamericana**, 15 e 30 nov. 1928, *apud* CARONE, Edgard. **O P.C.B. (1922 a 1943).** São Paulo: Difel, 1982. v. 1, p. 44-55.

_____. **Formação do PCB: 1922/1928:** notas e documentos. Rio de Janeiro: Vitória, 1962.

PRESTES, Anita Leocadia. **Luiz Carlos Prestes e a Aliança Nacional Libertadora:** os caminhos da luta antifascista no Brasil (1934/35). São Paulo: Brasiliense, 2008.

_____. **Luiz Carlos Prestes:** um comunista brasileiro. São Paulo: Boitempo, 2015.

PRESTES, Luiz Carlos. Manifesto de Luiz Carlos Prestes (5 de julho de 1935). **A Platéa**, 6 jul. 1935, *apud* CARONE, Edgard. **O P.C.B. (1922 a 1943).** São Paulo: Difel, 1982. v. 1, p. 172-181.

ROSE, R. S. Johnny's Two Trips to Brazil. **Luso-Brazilian Review**, Madison, WI, v. 38, n. 1, p. 103-123, Summer 2001.

SALLES, Iza. **Um cadáver ao sol:** a história do operário brasileiro que desafiou Moscou e o PCB. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006 (edição mais recente: Rio de Janeiro: Jaguatirica, 2016)

ISBN 978-65-88404-04-1

O II CONGRESSO do P.C.B. (16, 17, 18.05.1925). **Classe Operaria**, ano I, n. 11, 08.05.1946, *apud* CARONE, Edgard. **O P.C.B. (1922 a 1943).** São Paulo: Difel, 1982. v. 1, p. 37-43.